

**As séries de TV sul-coreanas e a pandemia: como a arte pode adiar o fim do mundo**

Mateus Freire Santana Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: teus\_freire@yahoo.com

Larissa Felicidades dos Santos  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: 2023m0221@uesb.edu.br

Fernanda de Castro Modl  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: fernanda.modl@uesb.edu.br

1539

**Palavras-chave:** *K-dramas*. Representações Sociais. Arte

## INTRODUÇÃO

O conceito de arte é polifônico, ideológico, multiforme e articula-se a discursos, saberes e fazeres diversos. Há quem considere arte como um conjunto de produções de diferentes naturezas axiologicamente valoradas como eruditas, populares, (trans)nacionais, estrangeiras etc. Seja qual a for a conceituação, ela sempre encontra outras, sejam elas concorrentes ou complementares. A arte, como toda e qualquer produção humana, é avaliada em função de alcances e compreensões interpretativas de grupos particulares. De qualquer modo, a arte oferece, como materialidade e conteúdo sógnico, uma oportunidade de visibilização e interação com a potência criativa humana, permitindo-nos, ao interagir com uma obra, dançar em meio ao caos que nos circunda (Nietzsche, 2011) na vida ordinária.

Assumindo essa perspectiva, propomos este resumo expandido, por meio do qual publicizamos um tensionamento acerca da contribuição de séries de TV sul-coreanas, conhecidas como doramas ou, mais especificamente, *K-dramas* como exemplar textual-discursivo e multissemiótico que pode contribuir para material sógnico para dialogização sobre saúde mental e para o alargamento da noção de cultura e, por conseguinte, de

**Realização:**



**Apoio:**



expansão do mundo, por meio do acesso a outros modos de ser e de externalizar linguisticamente e narrativamente sentimentos, por meio de uma linguagem cinematográfica oriental e sul-coreana. Para levar essa análise a termo, gerenciamos as vozes de Abric (2001), Geertz (1978), Brumfit (1997), Geraldi (2010), Hall (2006), Rajagopalan (2003), Deleuze e Guattari (1995), Coli (1995), Krenak (2019), dentre outros autores cujas vozes nos auxiliam a refletir sobre como a arte televisiva sul-coreana pode contribuir, como produto cultural, se não para o adiamento do fim do mundo e, por extensão, da humanidade, pelo menos para agregar um olhar exotópico a essa equação que nos permita realizar algumas desnaturalizações.

1540

## METODOLOGIA

Nossa ancoragem metodológica articula-se à Linguística Aplicada em seu olhar transdisciplinar para angularmos nossos objetos de pesquisas, quais sejam: os *K-dramas* e(m) representações sociais do/no cotidiano. É a partir de um diálogo com outras áreas, como Psicologia, Sociologia, Filosofia, Cinematografia etc., favorecido pela LA que novas perspectivas para as questões da linguagem em contextos sociais reais surgem e se deixam reenquadrar (Brumfit, 1997).

Assumindo que vivemos em um mundo globalizado e interconectado, sabemos que “os destinos dos diferentes povos que habitam a terra se encontram cada vez mais interligados e imbricados uns nos outros” (Rajapogalan, 2003, p. 57), levando-nos a definir cultura como um conceito em constante transformação semiótica (Geertz, 1978) e identidade como algo fragmentado para o sujeito moderno (Hall, 2006). Por esse prisma, a cultura asiática influencia de forma acentuada nossos modos de interagir, ampliando as nossas referências de mundo e nossas ações como sujeitos de linguagem a partir dos diferentes modos com que valoramos os artefatos culturais com os quais convivemos. Tudo isso possibilita uma alquimia no nosso modo de interpretar o mundo (Abric, 2001). Partindo desse pressuposto, este resumo é um recorte de duas pesquisas de Mestrado em andamento, desenvolvidas na Linha 3, Linguística Aplicada, no PPGCEL UESB, que elegem *K-dramas* e Representações Sociais como objetos de análise em interface com noções de cultura e arte em meio ao mundo contemporâneo.

Realização:



Apoio:



## RESULTADOS E DISCUSSÃO: DORAMAS, PANDEMIA E CURA

Levando em consideração a natureza ideológica e política de representações sociais, uma vez que elas levam a entender o mundo de um modo e não de outro (Rajagopalan, 2003), entendemos que falar sobre arte é olhar politicamente para a(s) cultura(s) e seu(s) modo(s) de interagir com a arte. A crítica, dentre o conjunto de elementos da/na/sobre a arte e que classifica produções como arte, dispõe de e impõe um conjunto robusto de representações sociais sobre arte e experiência artística, podendo hierarquizar (Coli, 1995) e até estabelecer padrões sociais de entusiastas de determinadas produções artísticas. À vista disso, as temáticas das produções artísticas, de certo modo, também são delimitadas por uma crítica que sentencia e um público que, por identificação política e, assim, ideológica, adere ou não a tais enunciações.

Por esse prisma, impossibilitou-se falar, hodiernamente, de culturas puras, uma vez que vivenciamos um hibridismo cultural em todo o globo (Burke, 2006). Levando em conta que o contato com pessoas de diversas partes do planeta foi facilitado pelas redes sociais decorrente, por exemplo, do avanço de tecnologias, pessoas vêm se mostrando cada vez mais flexíveis em relação à construção de relações e relacionamentos interculturais, tornando-se comum, por exemplo, integrar coletivos de interação *online* que reúnem sujeitos com gostos afins. Nesse processo, a cultura coreana tem se espalhado em todo o mundo a partir de um movimento apelidado pelos chineses de Onda Coreana (*Hallyu*), sendo parte de uma política atrativa da Coreia do Sul de fazer querida a sua cultura a partir de produções artísticas diversas, como filmes (*K-movies*), músicas (*K-pop*) e séries de televisão (*K-dramas*). Tratando especificamente sobre as séries de TV, as produções se tornaram famosas por conseguirem mesclar temas universais (crises no trabalho, bullying escolar, doenças terminais, entre outros) com aspectos próprios da cultura oriental (respeito aos mais velhos, cumprimentos, pouco contato físico etc.), ganhando, paulatinamente, a atenção do público brasileiro.

Diante desse sucesso, trazemos à baila que, durante a Pandemia da Covid-19, as referidas séries de TV tiveram um papel de destaque, visto que as pessoas precisavam permanecer muito tempo em suas casas para diminuir a circulação do vírus SARS-CoV-2. Nesse período de instabilidade, o ato de assistir aos dramas sul-coreanos trouxe

**Realização:**



**Apoio:**



conforto às pessoas e resiliência em meio ao sofrimento, permitindo-lhes vislumbrar que os períodos difíceis eram suportáveis. Nesse cronotopo, o Brasil se tornou o terceiro país que mais consumiu *K-dramas* na Pandemia (Queiroga, 2021). É por esse caminho que defendemos a relevância da arte para adiar o fim do mundo e evitar a extinção da humanidade, pois, como explana Deleuze e Guattari (1995), as obras artísticas provocam em nós perceptos e afectos que produzem novos modos de conceber a vida e a nós mesmos no trânsito de sensações único que somente a arte oportuniza.

Ademais, as séries de TV supramencionadas defendem a importância das relações sociais e de compartilhar momentos de dor e sofrimento com os outros, demonstrando que, a partir do contato com os outros, desenvolvemos excedentes de visão que vão “construindo nossas consciências com diferentes palavras que internalizamos e que funcionam como contrapalavras na construção dos sentidos do que vivemos, vemos, ouvimos, lemos. São estas histórias que nos fazem únicos e irrepetíveis” (Geraldí, 2010, p. 88). Acreditamos, assim, que o fim do mundo é adiado por meio da arte e do hábito de contar histórias, posto que é assim que desobvializamos o cotidiano e (re)encontramos motivações para verter novos olhares para nós e para os outros, exercícios que os dramas coreanos nos incentivam a perseguir.

## CONCLUSÕES

A intensa adesão do público às produções artísticas sul-coreanas desvia-se do padrão de experiência artística do colonialismo cultural (ocidente), visto que os novos telespectadores se identificaram com a abordagem de temáticas relacionadas à saúde mental e a temas igualmente sensíveis, próprios da cultura oriental, os quais fomentam o desenvolvimento de resiliência em momentos de crise, como a pandemia da Covid-19. Amparar-se, portanto, na arte foi um modo de afastar o céu (Krenak, 2020) e garantir a manutenção e proteção de, ao menos, uma parcela da saúde do sujeito.

Tal como afirma Krenak (2019), ao rascunhar ideias para adiar o fim do mundo, é preciso sempre contar mais uma história e a arte tem um papel fulcral para nos levar a projetar futuros possíveis nos quais novas histórias poderão ser contadas sem restrições. Abric (2001) afirma que as representações sociais atribuem sentido às condutas dos sujeitos, de modo que suas ações mediante/ante o objeto de representação sejam, assim,

Realização:



Apoio:



justificadas. Assim, os *K-dramas* se mostram enquanto janelas para uma mudança de pensamento ao retratarem personagens que rompem, ao longo da trama, com relações e situações de opressão e sofrimento, conduzindo-nos a fazer o mesmo em nossas vidas e a perseguir novos sonhos e objetivos com o fito de reescrever nossas narrativas.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. Ciudad de México: Ediciones Coyoacán, 2001, p. 11-32.

BRUMFIT, C. How applied linguistics is the same as any other science. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 7, n. 1, 1997, p. 86-94.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Editora Unisinos, 2006.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Volume 1. Editora 34, 1995, p. 2-18.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 13-41.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: Estudos Bakhtinianos**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton; CARELLI, Rita (org.). **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book*.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

QUEIROGA, Louise. **Na onda do K-pop: como a Hallyu fez do Brasil o terceiro maior consumidor de K-dramas na pandemia**. O Globo. 10 de jul. de 2021. Disponível em: <https://11nk.dev/Mf6AI>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética**. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.